

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO
TEOLOGIA

ALAN CABRAL
FELIPE LOPES
LEONARDO GUBERT
RICARDO SANTANA

EXEGESE DE HEBREUS 7:1-10

ENGENHEIRO COELHO

2016

HEBREUS 7:1-10

ALAN CABRAL, FELIPE LOPES, LEONARDO GUBERT E RICARDO SANTANA – 4º B

SUMÁRIO

1 PALAVRAS PRINCIPAIS	
3	
1.1 Μελχισέδεκ	3
1.2 ἀφωμοιωμένος	3
1.3 ἔλαττον κρείττονος.....	
4	
2 SENTIDO DO TEXTO PARA OS DESTINATÁRIOS	
5	
2.1 Destinatários	5
2.2 Relevância para a audiência original	
5	
2.2.1 A pessoa de Melquisedeque	
5	
2.2.2 O ofício de Melquisedeque: reinado	
8	
2.2.3 O ofício de Melquisedeque: sacerdócio	
9	
3 SENTIDO DO TEXTO PARA HOJE.....	
12	
4 BIBLIOGRAFIA	
13	
4.1 Comentários Bíblicos	
13	
4.2 Dicionários Bíblicos e Léxicos	
13	
4.3 Atla	
13	
4.4 Proquest	
13	
4.5 Revista Adventista	
13	

4.6 Revista Ministry	14
4.7 Espírito de Profecia	14
4.8 Biblical Research Institute	14
4.9 Outras Fontes	14

1 Palavras principais

1.1 Μελχισέδεκ

Melquisedeque, nome próprio que significa rei de justiça, que remete ao rei de Salém e sacerdote do Deus altíssimo, muito recordado na tradição, mas escassamente na Bíblia. Aparece dez vezes na Bíblia, sendo duas no Antigo Testamento (Gn 14:18; Sl 110:4) e oito no livro de Hebreus, sendo cinco somente no capítulo sete (Hb 5:6, 10; 6:20; 7:1,10,11,15,17) (RUSCONI, 2003).

O autor parte do pressuposto de que seus leitores já conhecem este personagem, porém ele dá mais algumas informações para dar vida ao personagem. A posição de Melquisedeque como rei e sacerdote parece ser importante para o autor do livro, pois ele não está interessado em mostrar a localização do reino, mas no significado simbólico do nome. Pois, o significado do nome era importante para seus leitores judeus, pois eles acreditavam que o nome evidenciava a natureza e a identidade da pessoa. Portanto, “a validade de ‘Melquisedeque’ como descrição da natureza de Jesus como nosso Sumo Sacerdote teria apelo imediato ao escritor” (GUTHRIE, 1983, p. 147).

Além do nome do sacerdote, o autor de Hebreus pode ver um significado adicional no nome da cidade de Salém (paz). Parece viável que o autor faz uso de analogias para ampliar o entendimento do estudo, pois a obra de Melquisedeque tem tudo a ver com esta característica, pois a justiça deve ser a base de toda paz verdadeira. O nome deste profeta ilustra o sacerdócio de Jesus sem pecado (HUGHES, 1990).

1.2 ἀφωμιωμένος

Este verbo só aparece em Hebreus 7:3 e tem como significado “para fazer como; copiar; para produzir um similar; feito semelhante”. É uma junção das palavras *ἀπό* (de, para) e *ὁμοιόω* (semelhante, feito como, imagem, comparação). Esta palavra é a chave para a exegese do texto, pois é usada no ativo para “uma cópia ou modelo semelhante” e no passivo para “ser feito semelhante a”. Assim, o ministério de Melquisedeque é semelhante ao de Jesus, porém não é superior. O autor quer estabelecer o sacerdócio eterno do Filho de Deus e não o de Melquisedeque. O que torna a ordem de Melquisedeque perpétua é que a Escritura não diz nada sobre a sucessão. Em contrapartida, o que torna perpétuo o sacerdócio de Cristo é a Sua própria natureza, o cumprimento é muito mais glorioso do que o tipo (GUTHRIE, 1983).

A leitura atual desta perícopé parece estranha, pois o escritor de Hebreus baseia sua argumentação no silêncio das Escrituras referente ao nascimento, morte e linhagem de Melquisedeque. A ordem deste sacerdote é diferente dos sacerdotes arônicos, pois a descendência levítica era necessária para a elegibilidade ao cargo. Não há nenhum registro histórico do seu pai e mãe. O autor anseia demonstrar que, apesar de Melquisedeque não possuir genealogia, mesmo assim, recebeu dízimos e abençoou uma personagem não menor do que o próprio Abraão. Sua genealogia é um verdadeiro mistério, como também a sua morte. Por isso, é apropriado se comparar com o ministério de Jesus (LANE, 1991).

1.3 ἔλαττον | κρείττονος

Estas palavras são adjetivos e aparecem no verso sete e são importantes para mostrar que Melquisedeque é superior, inclusive, a Abraão. Elas apontam duas realidades distintas. A primeira é um adjetivo nominativo neutro singular comparativo que aparece duas vezes na Bíblia (1Tm 6:9; Hb 7:7), que significa “pequeno, breve, pior, de qualidade inferior” referente a tamanho, quantidade, idade ou qualidade; enquanto a segunda é adjetivo genitivo masculino singular comparativo que aparece seis vezes no texto bíblico (Hb 7:7, 19, 22; 8:6; 11:16, 35) que significa “melhor, mais válido, forte, excelente, maior”. Este jogo de palavras é bem

interessante, pois o autor mostra que quem recebe a bênção é o menor dos dois. O homem que dá a bênção é maior do que o que recebe a bênção. Baseado nesse argumento, sabe-se que Abraão é muito importante e notável, entretanto, a partir do momento que Melquisedeque abençoa a Abraão, logicamente se percebe que Melquisedeque é o mais importante e notável dos dois (LANE, 1991).

2 SENTIDO DO TEXTO PARA OS DESTINATÁRIOS

2.1 Destinatários

Como observado por Ladd (2003, p. 762), “as questões da autoria e do destino da epístola aos hebreus são problemas ainda não resolvidos”. Contudo, Davies (1967) levanta alguns pontos a serem considerados no presente estudo. O título “Aos Hebreus” é muito debatido entre os comentaristas como uma possível referência à audiência original (cf. p.e., CARSON, 1997; BRUCE, 1964). Segundo Davies (1967), três são as suposições com relação ao título usado na carta: 1) ele não é o nome do escritor; 2) não é um nome, mas uma descrição; 3) tal descrição não ocorre na carta em si. Para ele, “o título parece ser uma tentativa tardia de explicar o propósito da carta, depois que ela se tornou desconhecida. Era provavelmente não mais que uma dedução dos conteúdos da carta” (DAVIES, 1967, p. 2).

Assim, a carta é escrita para cristãos, sendo que seu título provavelmente signifique “judeus cristãos”, distinguindo estes dos gentios (não judeus) cristãos. O autor do título deve ter pensado que a carta foi escrita especialmente acerca de problemas de judeus convertidos ao cristianismo. Essa ideia, porém, é controversa. Contudo, Ladd (2003) aponta para o fato da inexistência de uma controvérsia judaico-cristã. A carta, segundo ele, foi provavelmente escrita para gentios cristãos.

De acordo com Davies (1967), dois pontos emergem do estudo de Hebreus na tentativa de encontrar resposta para o objetivo da carta. Primeiro, a carta foi escrita como uma exortação para seus leitores. A palavra traduzida como “exortação” (13:22) pode ser traduzida como “encorajamento” ou “apelo”. Ladd (2003, p. 762) afirma que “o autor escreveu a fim de aconselhar esse grupo contra a apostasia”. Essas três palavras (“exortação”, “encorajamento” e “apelo”) tem o propósito de fortalecer a lealdade dos seus leitores cristãos (DAVIES, 1967).

Segundo, podemos encontrar ao longo da carta o argumento que o cristianismo superou o judaísmo. Esse fato é sustentado pela estrutura do livro de Hebreus proposta por vários comentadores (HOLBROOK [ed.], 2013; CARSON, 1997; BROW, 2012; LADD, 2003). Dessa maneira, essas duas considerações são aspectos do mesmo propósito. Assim, o escritor está tentando fortalecer a fé de seus leitores, convencendo-os que o cristianismo torna o judaísmo obsoleto (DAVIES, 1967; LADD, 2003). Assim, “a epístola indica que a condição espiritual de muitos cristãos hebreus estava seriamente se deteriorando” (HOLBROOK, 2013, p. 12).

2.2 Relevância para a audiência original

2.2.1 A pessoa de Melquisedeque

Ao longo da história da interpretação bíblica cristã, a figura de Melquisedeque foi interpretada de três maneiras principais: uma cristofania, um ser angelical e um rei cananeu, “sacerdote do Deus Altíssimo” (Gn 14:18)¹ (VACCA, 2012). Todd Bradley (2012, p. 2) o chama de “personagem enigmático” (BRADLEY, 2012) e M’Clintock (1881) faz referência a Epifânio, pois este menciona que alguns membros da igreja naquela época estavam sustentando uma (errada) opinião que Melquisedeque era uma aparição do Filho de Deus em figura humana. Em um fragmento dos Rolos do Mar Morto (11QMelch), ele aparece como uma figura celestial que executa um juízo escatológico sobre Belial e seus espíritos (LANE, 1991).

Na obra de 2 Enoque, do primeiro século, Melquisedeque é salvo de um dilúvio com o objetivo de dar continuidade a uma linha sacerdotal iniciada com Sete; ele é transportado por Miguel e levado ao paraíso, para atuar como sacerdote para sempre (BEALE, 2014). Para outros judeus, porém, Melquisedeque não era da linhagem de Sem, senão o próprio. Isso, de acordo com essa visão, explicaria a superioridade observada na história do encontro deste rei

¹ Almeida Revista e Atualizada.

cananeu com Abraão. Sendo o próprio Sem e, portanto, mais velho que Abraão, ele tinha a autoridade para abençoar até mesmo o pai da fé (M'CLINTOCK, 1881).

Contudo, essa visão que sustenta Melquisedeque como um descendente de Sem – ou o próprio – precisa responder algumas questões, como levantadas por M'Clintock (1881): como se deu a mudança de seu nome? Como ele pode se tornar rei em uma terra habitada pelos descendentes de Cam? Como ele pode parabenizar Abraão quando este derrotou um de seus próprios descendentes (Quedorlaomoer)? Sendo que a genealogia de Sem deve ter sido notória, por que não há referência a ela? As palavras de Hebreus 7:3, contudo, apresentam Melquisedeque como sendo “sem pai, sem mãe”. Segundo Francis D. Nichol (2014, p. 474), “estas palavras deram origem à especulação de que Melquisedeque era um ser sobrenatural, uma vez que era sem pais, sem princípio e sem fim”. Seria tal personagem uma cristofania ou um ser angelical? Como argumenta Mason (2005), ainda que o propósito seja descrever o Filho de Deus, as palavras “sem genealogia”, “sem princípio de dias” se aplicam a Melquisedeque (MASON, 2005).

James Boland (1978, tradução nossa) desenvolve quatro argumentos contra a ideia de Melquisedeque ser uma cristofania, que podem ser resumidos da seguinte maneira: 1) a identificação de Melquisedeque como uma cristofania ignora os detalhes históricos descritos em Gn 14, como o nome da cidade de Salém, identificada em Sl 76:2 como Jerusalém; 2) a identificação está em desacordo com o livro de Hebreus, especialmente pelo fato da estrutura desse livro apresentar Cristo como superior a anjos (1:4), Moisés (3:3) e o próprio Melquisedeque (7:22), de modo que Cristo não poderia ser superior a ele mesmo, caso fosse Melquisedeque; 3) a identificação carece de uma “confirmação cristofânica”², ou seja, Melquisedeque não é apresentado (mesmo a posteriori) com expressões que apontem para uma manifestação da Deidade (“o Senhor apareceu” ou “o Senhor disse”, ou “o Anjo do Senhor disse”, cf. Gn 12:7, 13:14; 16:9) e nem Abraão o reconhece como Deus, como em outras partes (cf. Gn 18:25); 4) a identificação carece de apoio etimológico, pois o nome Melquisedeque (“rei de justiça”) era um nome real, em reconhecimento do reinado justo desse rei-sacerdote temente do Deus Altíssimo (*El Elyon*).

Contudo, Janet Lamarche (2009) argumenta que a identificação de Salém com Jerusalém é muito posterior, quando Jerusalém já era o centro político e religioso do Israel já formado, sendo a identificação entre as duas cidades, portanto, duvidosa. Desse modo, seguindo o segundo ponto da argumentação de Boland acima, podemos inferir que Melquisedeque também não é um ser angelical. Como aponta Carson (1997), os primeiros

² “Cristofanic confirmation”.

versos de Hebreus abrem caminho para a elaboração do argumento que o Filho de Deus é superior a anjos. Holbrook (2013)³ e Brown (2012) apontam para uma estrutura semelhante no livro de Hebreus.

Ademais, “a palavra grega traduzida por ‘sem genealogia’ pode explicar as palavras ‘sem pai, sem mãe’ significando simplesmente que sua genealogia é desconhecida” (MUELLER, 2002, p. 52, tradução nossa)⁴. Semelhantemente, Bruce (1964, p. 137) argumenta que tais palavras não sugerem uma “anomalia biológica, ou um anjo em disfarce humano”. Moura (2014, p. 19) lista oito pontos a favor da literalidade e historicidade da pessoa de Melquisedeque:

(1) teve uma função civil literal – ele foi rei; (2) reinou em um lugar literal – Salém (nome antigo para Jerusalém, conforme Sl 76:2); (3) trouxe a Abraão alimento literal – pão e vinho; (4) exerceu uma função religiosa literal – foi sacerdote do Deus Altíssimo; (5) pronunciou uma bênção literal – desejou que Abraão fosse abençoado por Deus; (6) referiu-se aos adversários literais de Abraão; (7) fez menção da derrota literal deles (no dizer de Melquisedeque, eles “foram entregues” por Deus nas mãos de Abraão); e (8) recebeu dízimos literais desse patriarca. Ou seja, tudo em Melquisedeque é literal. Assim, essas informações apontam para o fato de que ele foi um ser humano real, literal. Como, pois, pensar que esse é um personagem simbólico ou celestial?

Assim, em Hebreus, Melquisedeque é uma “figura histórica que serve como um precedente para o sacerdócio não baseado em linhagem ou lei” (LANE, 1991, p. 162). Rodriguez (2000) argumenta que Melquisedeque é usado pelo autor de Hebreus para fazer uma comparação com Cristo: ambos não tiveram registro do início de seus dias, nem genealogia ou morte. Como conclui Mueller (2002, p. 52, tradução nossa): “em outras palavras, ele [Melquisedeque] não é o Filho de Deus; ele é meramente, em alguns aspectos, similar a Ele [Jesus]”⁵. Segundo Ellen G. White, Cristo não era Melquisedeque, mas falou através dele (WHITE, 1890).

Desse modo, como sugere Otto H. Christensen, a questão parece não girar tanto em torno de quem ele foi ou é, mas o que ele foi ou é (CHRISTENSEN, 1955). Portanto, para solucionar esse problema, precisamos entender tanto Genesis quanto Hebreus, e o lugar de Melquisedeque na mensagem transmitida por ambos (BAYLIS, 1989).

³ Holbrook é o editor. William G. Johnsson é o autor.

⁴ “The Greek word translated “without ancestry” may explain the words “without father, without mother” as meaning simply that his genealogy is unknown”.

⁵ “In other words, he is not the Son of God; he is merely, in some respects, similar to Him”.

2.2.2 O ofício de Melquisedeque: reinado

De acordo com, Ellison e Payne (2011) podemos interpretar a história de Melquisedeque em Gn 14 em dois níveis. O primeiro é o que é chamado de nível simples, ou seja, a história em si. Após vencer a batalha contra os reis, Abraão tem um encontro com uma figura misteriosa: Melquisedeque. Contudo, em um segundo nível, podemos encontrar um simbolismo (2008)⁶. Lembrando que o foco em Hebreus 7 é primariamente em Jesus (MUELLER, 2002), o autor de Hebreus irá estabelecer seu argumento sobre a superioridade do sacerdócio de Cristo em relação ao levítico (HOLBROOK [ed.], 2013; CARSON, 1997; BROW, 2012) em quatro pontos: o reinado de Melquisedeque, seu sacerdócio, sua benção a Abraão e o pagamento do dízimo deste àquele (ACKROYD [ed.], 1967)⁷. Esses quatro pontos mostram claramente que há conexões tipológicas entre Melquisedeque e Jesus estabelecidas em Hebreus (BEALE, 2014),

Com relação ao reinado de Melquisedeque, o autor diz que ele era “rei de Salém” (Hb 7:3). Salmo 76:1-2, usando o recurso poético de paralelismo sinonímico, equipara Salém a Jerusalém (VACCA, 2012). Segundo J. H. Davies (ACKROYD [ed.], 1967), o uso dos títulos “rei de justiça” e “rei da paz” não são ocasionais. Para F. F. Bruce (1964), há uma intenção na ordem em que aparecem os termos “justiça” e “paz” referentes a Melquisedeque, na qual o autor de Hebreus quis enfatizar que a paz com Deus está baseada em Sua justiça. Como aponta Nichol (2014), esses dois títulos são aplicados ao Messias.

Contudo, ainda que o escritor bíblico tenha visto em Melquisedeque características que prefiguravam o Messias, todo seu interesse está concentrado, não em seu reinado, mas em seu sacerdócio. Aparentemente, a menção “rei de Salém” e sua breve interpretação serve apenas como complemento (LANE, 1991).

2.2.3 O ofício de Melquisedeque: sacerdócio

De acordo com Beale (2014, p. 1188), ao fazer referência a Melquisedeque em Hebreus 7,

o autor procura demonstrar de forma decisiva que o sacerdócio de Melquisedeque é superior ao sacerdócio levítico, pois isso estabelecerá as bases para seu argumento sobre a superioridade do sumo sacerdócio do Filho, que pertence à ordem de Melquisedeque.

⁶ Bruce é editor geral. H. L. Ellison; David F. Payne são os autores.

⁷ Ackroyd é o ed., J. H. Davie é o autor.

Nesse ponto, autor de Hebreus usa o “argumento do silêncio”, no que se refere à genealogia de Melquisedeque, para relacioná-lo a Cristo e o sacerdócio deste (BRUCE, 1964; HUGHES, 1977; BEALE, 2014). Como afirma Nichol (2014), os judeus mantinham uma tradição muito forte na preservação das genealogias, pois, como regula o Pentateuco, apenas os filhos da tribo de Levi poderiam assumir a função sacerdotal. Melquisedeque, porém, aparece sem nenhuma introdução à sua descendência e desaparece não menos misteriosamente. Assim, ele permanece como uma figura sacerdotal eterna, e é nesse sentido um sacerdote por todo o tempo, sendo um sacerdote eterno (ACKROYD, 1967).

Portanto, como aponta Rodriguez (2000), o sacerdócio de Melquisedeque é importante para o autor de Hebreus porque o Pentateuco regulamentava que apenas os descendentes de Arão podiam assumir a função sacerdotal. Cristo, por ser da tribo de Judá, não tinha esse direito. Mas, como afirma o Salmo 110:4, o sacerdócio araônico seria superado pelo sacerdócio do Messias, visto que este seria segundo a ordem de Melquisedeque. Assim, em ambos os aspectos – real a sacerdotal -, Cristo seria segundo a ordem Melquisedeque, visto que este era tanto rei como sacerdote (para sempre) (ACKROYD, 1967). Desse modo, como afirma Holbrook (1994, p. 144, tradução nossa), “Cristo uniria em Sua pessoa os papéis de realeza e sacerdócio e governaria e ministraria nesta qualidade dupla ao lado de Seu Pai”⁸.

Comentando sobre o verso três de Hebreus 7, Gard Granerød (2009, p. 195, tradução nossa) afirma:

A implicação deste verso é que Melquisedeque não é mera figura terrena. Pelo contrário, ele aparece como um sacerdote imortal e perpétuo [...], com um status semidivino [...]. A ideia da imortalidade de Melquisedeque reaparece em Hb 7,8 - de Melquisedeque é “testemunhado que ele vive” [...], contrastando a mortalidade dos descendentes de Levi. Além disso, a suposição de que Melquisedeque é um sacerdote imortal é crucial para a argumentação do autor a respeito da imortalidade de Cristo e seu sacerdócio perpétuo (por exemplo, cf. 7,24-25)⁹.

⁸ “Christ would unite in His person the roles of king-ship and priesthood and would rule and minister in this double capacity at His Father’s side”.

⁹ “The implication of this verse is that Melchizedek is no mere earthly figure. On the contrary, he appears as an immortal and perpetual priest [...], with a semi-divine status [...]. The idea of Melchizedek’s immortality reappears in Heb 7,8 — of Melchizedek it is “testified that he lives” [...], contrasting the mortality of the descendants of Levi. Further, the assumption that Melchizedek is an immortal priest is crucial for the author’s argumentation concerning the immortality of Christ and his perpetual priesthood (e.g., cf. 7,24-25)”.

Portanto, como afirma Hughes (1977), o silêncio bíblico em relação à genealogia de Melquisedeque faz com que ele, em alguns aspectos, se assemelhe ao Filho de Deus, que é eterno. Assim, Melquisedeque é uma figura, enquanto Cristo é a realidade. Na perspectiva da fé cristã, como afirma Davies (ACKROYD, 1967, p. 67, tradução nossa) “o prenúncio é semelhante ao seu cumprimento – Melquisedeque é igual a Jesus, não vice-versa”¹⁰. Dessa maneira, de acordo com Lane (1991), na história de Melquisedeque em Gn 14, podemos ver o tipo de sacerdócio que Deus sempre tentou: um sacerdote eterno que oficia seu sacerdócio continuamente.

O autor de Hebreus acrescenta mais dois argumentos em favor da superioridade do sacerdócio de Melquisedeque: o pagamento de dízimo por parte de Abraão (7:4) e a bênção de Melquisedeque sobre ele (7:6). Assim, por meio desses dois dados, o autor está mostrando como Melquisedeque é superior, não só a Abraão, mas também à sua descendência (BRUCE, 1964). Como afirma Butrick e Harmon¹¹ (1955, p. 665, tradução nossa): “a palavra patriarca tem lugar de ênfase na sentença”¹². A atenção dos leitores é chamada para o fato que Abraão, o eminente patriarca e possessor das bênçãos do concerto, deu a Melquisedeque os dízimos dos despojos da guerra e foi por ele abençoado, mostrando, dessa forma, a superioridade do rei de Salém sobre o patriarca (HUGHES, 1977). Bruce¹³ coloca a questão da seguinte maneira

assim, o argumento do autor é o seguinte: os sacerdotes levíticos são superiores ao restante dos israelitas, porque, embora mortais, eles, não obstante, recebem os dízimos dos seus irmãos; Levi é superior aos sacerdotes porque é seu progenitor; Abraão maior do que Levi porque é pai de todos eles; Melquisedeque é maior do que Abraão, se por nenhum a outra razão, pelo fato de que recebeu o dízimo de Abraão e o abençoou; portanto, Melquisedeque é maior do que Abraão, Levi, os sacerdotes levíticos e todo o Israel (2008, p. 2111).

Corroborando com tal visão, Lane (1991) aponta para o fato que Abraão, sendo o pai de Israel, representa todo o grupo de descendentes, e não apenas uma pessoa individual, fazendo com que, desse modo, Levi pagasse o dízimo de Abraão, a Melquisedeque. Como coloca Butrick e Harmon (1955, p. 665, tradução nossa), “isso significa a importância de um poder e aprovação mais que humano”¹⁴.

¹⁰ “The foreshadowing is like its fulfilment – Melchizedek is like Jesus, not vice-versa”.

¹¹ Editores.

¹² “The word patriarch has the place of emphasis in the sentence”.

¹³ Bruce é o editor geral, Gerald F. Hawthorne é o autor

¹⁴ “It meant the impartation of a more than human power and sanction”.

Dessa maneira, Davies (ACKROYD, 1967) sumariza quatro pontos sobre essa questão: 1) enquanto os levitas recebiam dízimos apenas dos filhos de Abraão, Melquisedeque recebeu dízimos de Abraão; 2) os levitas recolhem o dízimo (inferior) sob a autoridade da lei e Melquisedeque o faz sem tal autoridade; contudo, de alguma maneira, seu dízimo é superior, fazendo com que ele tenha alguma forma de autoridade; 3) os levitas recebem dízimos, mas são mortais; Melquisedeque, porém, está vivo; 4) apesar dos levitas serem responsáveis por receberem os dízimos, eles os pagou (na pessoa de Abraão), a Melquisedeque.

Assim, o sacerdócio de Melquisedeque é colocado como superior ao levítico e, portanto, ser da “ordem de Melquisedeque” é pertencer a um escalão de sacerdócio maior que o sacerdócio judaico (ACKROYD, 1967). Lane (1991, p. 169, tradução nossa) concorda, pois afirma que “a implicação a ser tirada desta comparação é que desde os sacerdotes levitas, bem como aqueles de quem se exigiu o dízimo, que eram descendentes de Abraão, Melquisedeque deve ser superior aos sacerdotes levitas”¹⁵. Como indica Bruce,¹⁶

o sentido de tudo isso é, sem dúvida, provar a superioridade final do sacerdócio de Cristo, que a essa altura é fácil de fazer, pois o autor já sugeriu a superioridade de Cristo sobre Melquisedeque quando disse que Melquisedeque era semelhante ao Filho de Deus (v. 3). Cristo é maior do que Melquisedeque, assim como é maior a realidade do que o fscímile. Portanto, Cristo é maior do que Abraão, Levi e todos os seus descendentes, e seu sacerdócio, também, é maior do que o deles. (2008, p. 2111).

3 SENTIDO DO TEXTO PARA HOJE

À luz do que foi acima proposto, o estudo da relação de Melquisedeque-Cristo, pode proporcionar a certeza àqueles que estão sendo tentados a abandonar o “Deus vivo” e que estão fracos na fé que há Alguém que reina para sempre no trono do universo. Não como um tirano, mas como um sacerdote “vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7:25). Além disso, tal sacerdote/sacerdócio é muito superior ao de homens, de modo que “não temos um sumo sacerdote que não possa se compadecer de nossas fraquezas” e que, portanto, devemos nos achegar “confiadamente junto ao trono da graça” (Hb 4:15-16).

Como comenta Ellen G. White (1979, p. 118): “Jesus abriu o caminho para o trono do Pai, e por meio de Sua mediação pode ser apresentado a Deus o desejo sincero de todos os que a Ele se chegam pela fé”. Assim,

¹⁵ “The implication to be draw from this comparasion is that since the levitical priests as well as those from whom they exacted the tithe were descendants of Abraham, Melquisedeque must be superior to the levitical priests”.

¹⁶ Bruce é o editor geral, Gerald F. Hawthorne é o autor.

a intercessão de Cristo em nosso favor consiste em apresentar Seus méritos divinos, oferecendo-Se a Si mesmo ao Pai como nosso Substituto e Penhor; pois Ele ascendeu ao alto para fazer expiação por nossas transgressões. (WHITE, 2008, p. 95).

4 BIBLIOGRAFIA

4.1 Comentários Bíblicos

CARSON, D. A. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GUTHRIE, G. H. Hebreus. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Org.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2014.

HAWTHORNE, G. F. Hebreus. In: Bruce, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2008.

HOLBROOK, F. B. (Ed.). **A luz de Hebreus: intercessão, expiação e juízo no santuário celestial**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2013.

SILVA, V. D. (ed.); NICHOL, F. D. (ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

4.2 Dicionários Bíblicos e Léxicos

GUTHRIE, D. **The letter to the Hebrews: na introduction and commentary.** Inter-Varsity Press: England, 1983.

RUSCONI, C. **Dicionário do grego do Novo Testamento.** Paulus: São Paulo, 2003.

M'CLINTOCK, J. D. D.; STRONG, J. **Cyclopedia of biblical, theological and ecclesiastical literature: New - Pes.** Michigan: Harper and Brothers , 1881.

4.3 Atla

GRANERØD, G. Melchizedek in Hebrews 7. **Biblica.** 90, 2, 188-202, 2009.

MASON, E. F. Hebrews 7:3 and the relationship between Melchizedek and Jesus. **Biblical Research.** 50, 41-62, 2005.

VACCA, P. M. An analysis and exposition of Hebrews 7:1-10. **Criswell Theological Review.** 10, 1, 91-106, Sept. 2012.

4.4 Proquest

BAYLIS, C. P. **The author of Hebrews' use of Melchizedek from the context of Genesis.** Ann Arbor: Dallas Theological Seminary, 1989.

BRADLEY, T. **Melchizedek and His reception in the Epistle to the Hebrews.** Ann Arbor: Regent University, 2012.

LAMARCHE, J. **The meaning of Genesis 14: 11-24: A syntactical and redactional analysis.** Ann Arbor: Concordia University, 2009.

4.5 Revista Adventista

MOURA, O. C. Quem foi Melquisedeque? **Revista Adventista,** Tatuí, n. 1269, p. 19, fev. 2014.

4.6 Revista Ministry

CHRISTENSEN, O. H. **The Melchizedek Priesthood.** 1955. Disponível em: <<http://bit.ly/2cLujZ9>>. Acesso em: 18 de set de 2016.

4.7 Espírito de Profecia

WHITE, E. G. **Cristo em Seu Santuário.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1979.

_____. **Fé e obras.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

_____. How to Meet a Controverted Point of Doctrine. **The Review and Herald,** Feb 18, 1890.

4.8 Biblical Research Institute

RODRÍGUEZ, A. M. **Hebrews 7:3**. 2000. Disponível em: <<http://bit.ly/2ciyBU4>>. Acesso em: 19 de set de 2016.

4.9 Outras Fontes

BRUCE, F. F. **The Epistle to the Hebrews**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1988.

COTTON, J. H.; PURDY, A. C. The epistle to the Hebrews. In: BUTTRICK, G. A. (ed.); HARMON, N. B. (Ed.). **The Interpreter's Bible**. Vol. 11. United States: Abingdon, 1955.

DAVIES, J. H. **A letter to Hebrews**. Cambridge: Cambridge University, 1967.

ELLISON, H. L.; PAYNE D. F. Gênesis. In: Bruce, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2008.

HUGHES, P. E. **A commentary on the epistle to the Hebrews**. United States: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990.

LADD, G. E. **Teologia do novo testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

LAMARCHE, J. **The meaning of Genesis 14: 11-24: A syntactical and redactional analysis**. Ann Arbor: Concordia University, 2009.

LANE, W. L. **Word biblical commentary: Hebrews 1-8**. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1991.

MUELLER, E. **Come boldly to the throne: sanctuary themes in Hebrews**. Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 2003.